

Sobrevidas da Desconstrução

Apresentação

Diferença Assombrante / Hauntological Difference

Em *Mémoires for Paul de Man*, Derrida (1986) escreve que a “história propriamente dita” da desconstrução consistiria em uma “[...] transferência, e em um pensamento que perpassasse a transferência, em todos os sentidos que a palavra possa adquirir em mais de uma língua, e antes de tudo na transferência entre línguas” o que leva Derrida a definir a desconstrução como “*plus d’une langue*” – tanto mais do que uma língua e não mais do que uma única língua. Sua insistência em caracterizar a desconstrução em termos de transferência permitiu que se evitasse uma determinação no seio de uma única linguagem, disciplina ou formação discursiva, estabelecendo seu “lugar propriamente dito” na circulação entre linguagens, campos e atividades culturais. Como resultado de tal disseminação, a desconstrução demonstrou ser uma fonte inspiradora ou impulso motivador para outros tipos de trabalho, não apenas no âmbito de diferentes disciplinas, como a antropologia, história, teologia, psicanálise etc., mas também nas artes e na cultura como um todo.

Ao mesmo tempo, porém, em que energicamente vicejava na circulação entre as línguas, comunidades e atividades intelectuais mais diversas, a desconstrução também morria. Com efeito, a idéia de que conseguiu enriquecer e transformar a paisagem cultural dos últimos 30 anos só perde em força consensual diante da opinião de que estaria moribunda, senão plenamente falecida. A curiosa simultaneidade de seu robusto sucesso e vertiginoso fracasso, na qual ascensão e declínio parecem misturar-se, não passou despercebida a Derrida, que certa vez afirmou que “Se fosse o caso de se analisar os sinais [...] o número de publicações que mencionam a desconstrução, o número de congressos organizados em seu nome, o número de pessoas que a ela fazem referência, apenas para dizer que está morta, seria também possível chegar-se à conclusão oposta” (STEVENS, 1994). O humor mostrado nessa observação à primeira vista feita de passagem deixa entrever o dado mais sério, isto é, o fato de que a desconstrução antecipou já há muito esse estado de coisas aporético, e até mesmo construiu um vocabulário no qual pode ser articulado discursivamente, desde a lógica diferencial do rastro, a *différance*, a metaforicidade e a iterabilidade que dominaram seus anos de juventude, por assim dizer, até seu messianismo textual e hermenêutico mais recente. De fato, a desconstrução conseguiu impor-se e florescer em grande medida como uma teoria de sua própria sobrevivência – uma teoria, em outras palavras, de sua própria sobrevida. Explorando aquilo que poderia ser chamado de sua diferença assombrante (*hauntological difference*), a desconstrução tem se mostrado repetidamente resistente a seu próprio desaparecimento nos efeitos

discursivos e institucionais que são incessantemente gerados em resposta à sua morte, contínua e em processo. Assim, os sinais mais claros e contundentes de seu perecimento, que surgiram após a morte de Derrida em 2004, podem ironicamente dar um novo impulso à desconstrução, ainda que seja por meio de uma renovada invocação dos mortos.

Os certificados de óbito vieram de várias partes. Em primeiro lugar, há a onda anti-teórica de um volume como o *Theory's Empire* (PATAI; WILL, 2005), que dificilmente esconde seu ímpeto conservador, por mais que contenha algumas contribuições de esquerda. Aqui, em vez de ser criticada internamente, a institucionalização da Teoria é simplesmente vista como sintoma de decadência cultural; trata-se de uma recusa à leitura similar àquela de quem a princípio estaria no outro oposto do espectro, a saber, os defensores de uma politização exacerbada da crítica. Em ambos os casos (e seria ainda possível lembrar os mapas e atlas de Franco Moretti), rejeita-se a leitura cerrada e a atenção ao detalhe que tanto caracteriza a prática interpretativa da desconstrução. As preocupações com questões identitárias, que incluem problemas de gênero, raça ou escolha sexual, e que se entrelaçam com os estudos culturais e pós-coloniais, parecem preponderar sobre o trabalho demorado em torno da riqueza do detalhe e sua capacidade de abrir vias absolutamente inesperadas.

Com o título de “Sobrevidas da Desconstrução”, o presente volume da *Revista de Letras* procura oferecer um espaço para se explorar a continuidade da desconstrução depois da desconstrução, as formas pela quais – ou contra as quais – conseguiu sobre-viver ou transcender a si mesma; os tipos de apropriação e aplicação a que se prestou; as maneiras com as quais interagiu com outras disciplinas e contribuiu para a reconfiguração de disciplinas. O volume conta com contribuições de pesquisadores sediados no Brasil e nos Estados Unidos; à exceção de um texto já publicado em inglês e traduzido especialmente para esta ocasião, todos foram publicados aqui em seu idioma original.

O texto de abertura de **John Caputo**¹ dá o tom ao volume. Ele mostra como, com a virada ético-teológica de Derrida do começo dos anos noventa, a desconstrução sobreviveu a si mesma. O texto termina invocando a abertura desconstrutivista do futuro (válidos aqui ambos os genitivos, subjetivo e objetivo), como aquilo que permite à desconstrução viver após ou em sua morte. Em seguida, **Anthony Reynolds** examina o papel da metáfora no discurso desconstrutivista e neopragmatista em um ensaio que, seguindo aquilo que Derrida chamou de um “pragmatologia (a vir)”, tem por objetivo isolar e elucidar algumas das afinidades subreptícias entre a desconstrução e o pragmatismo. Baseando-se em

¹ Agradecemos ao autor e *The Journal of Culture and Religious Theory* pela permissão de publicação de seu texto.

uma revisão metaforológica do pensamento filosófico que se origina em Vico e estende-se a Nietzsche, Heidegger, Blumberg, Derrida e Rorty, Reynolds defende que a desconstrução pode viver após sua própria morte e continuar a gerar novos contextos de sentido e de referência sob a forma de um pragmatismo que há muito pertence a sua identidade discursiva. **Kanavillil Rajagopalan** aponta para um outro tipo de relação. Centrando-se no debate entre Searle e Derrida a respeito da teoria dos atos de fala, ele não propõe uma possibilidade de conjunção, mas lembra o leitor de que a insistência desconstrutivista na heterogeneidade irreductível, a pluralidade de sentidos textuais, fazem-na impossível de ser assimilada aos sistemas de sentido homogeneizadores dominantes no *establishment* filosófico de hoje. O primeiro núcleo temático do volume encerra-se com o trabalho de **Stephan Esposito**. Partindo do debate entre Derrida e de Man sobre se Rousseau deveria ou não ser lido como um membro *avant la lettre* da comunidade da desconstrução, ele aborda tanto a questão do futuro da desconstrução como um tipo de comunidade, como suas as repercussões para a compreensão dos limites daquilo que seria a comunidade. Ao focar a questão se Rousseau estaria enunciando um tipo de *shibboleth*, Esposito argumenta que o problema dos limites da comunidade e suas condições de possibilidade devem ser pensados por meio de uma discussão do legado da desconstrução.

Dentre as submissões recebidas, foi surpreendente o número de textos brasileiros que tematizavam a sobrevida da desconstrução no âmbito da tradução, que assim recebe um núcleo temático. O ensaio de **Élida Ferreira** salienta o quanto ambas podem fortalecer-se mutuamente. A desconstrução, por um lado, pode mostrar o quanto a tradução traz em seu bojo o conceito enfático de diferença, pois esta seria um “lugar por excelência das línguas e da proliferação de sentidos [...], o lugar da *différance*”. Por outro lado, a prática do tradutor aponta para a não-identidade da língua/linguagem para consigo mesma, incluindo aí a própria linguagem da desconstrução. Ferreira encerra seu texto implicitamente comprovando a verdade disso, quando observa que, no Brasil, a tradução de Derrida e a desconstrução da tradução aconteceram *pari passu*. **Nabil Araújo de Souza** move-se no mesmo horizonte de questões. Em seu texto, começa discutindo possibilidades de tradução do famoso ensaio de Benjamin, “*Die Aufgabe des Übersetzers*” (“A tarefa do tradutor”) para no decorrer do argumento, por meio de uma comparação com “Des tours de Babel”, de Derrida, refletir sobre o próprio estatuto da desconstrução, hoje, que passa em grande medida a se assemelhar ao gesto tradutório por excelência. Por fim, em “RE – missões” **Zelina Beato** estuda o complexo citacional da tradução de *Entwurf einer Psychologie*, de Freud, feita por Osmyr Faria Gabbi Jr. para mostrar o quanto as notas de rodapé geram um efeito contrário ao pretendido. Em vez de levarem à formação de uma sólida malha auto-contida, geram um efeito de crescente disseminação de sentido.

O terceiro núcleo de problemas refere-se a possíveis políticas da desconstrução. Partindo da crítica de Derrida à tese do “fim da história” do neoconservador Francis Fukuyama, **Robin Mookerjee** procura elucidar algumas das diferenças entre os modelos desconstituintes e neoconservadores de messianismo em um ensaio que explora a relevância da desconstrução derrideana no meio do pensamento político neoconservador recente. **Fabio Akcelrud Durão**, por sua vez, discute uma das apropriações mais importantes da desconstrução, a de Gayatri Spivak. Baseando-se no livro mais importante da autora, *A Critique of Postcolonial Reason*, argumenta que a politização da textualidade proposta pela teórica pós-colonial não se sustenta e acaba sendo prejudicial para ambos os vetores. Em vez de se reforçarem mutuamente, ou criarem um espaço de tensão produtiva, esvaziam o potencial que, isoladas, ainda mantinham. No limite, a estratégia de Spivak da politização da desconstrução faz desaparecer o próprio objeto de leitura. Assim, aquela abordagem que se propunha a mostrar a indecidibilidade do subalterno dissolve os próprios contornos daquilo que deveria permitir ver a diferença. Encerrando o volume, **Marisa Corrêa da Silva** resenha o livro de François Cusset, *Filosofia Francesa*, chamando a atenção para a diferença existente entre a leitura (ou sua ausência) na França e nos EUA. Deste lado do Atlântico, Cusset mostra, a desconstrução foi parte de um revigorante movimento cultural que transbordou o ambiente universitário. Não é assim possível pensar nas sobrevidas da desconstrução sem levar em consideração os contextos nacionais nos quais ela se insere, adapta e questiona (SANTOS; DURÃO; SILVA, 2006).

Nova York e Campinas, setembro de 2009

Fabio Akcelrud Durão e Anthony Reynolds
Editores convidados

Referências

DERRIDA, Jacques. **Mémoires for Paul de Man**. New York: Columbia University Press, 1986.

PATAI, Daphne; CORRAL, Wilfrido H. (Ed.). **Theory's Empire: an Anthology of Dissent**. Nova York: Columbia University Press, 2005.

SANTOS, Alcides; DURÃO, Fabio A.; SILVA, Maria das Graças G. V. (Org.). **Desconstruções e contextos nacionais**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

STEVENS, Mitchell. Jacques Derrida and Deconstruction, **The New York Times Magazine**, New York, 23 Jan. 1994. Não paginado.